

## TRANSCRIÇÃO

*Entrevistada: Fabiane Galvão*

*Entrevistador: Lui Evragio*

*Data: 15/02*

*Duração: 26m02*

*Equipamentos utilizados: Câmera XXXXXX e Microfone XXXXXX*

*Local:XXXXXXXX*

*A entrevista é parte do Acervo Histórico do MUTHA*

\*\*\*

Olá, meu nome é Fabiane Galvão. Eu tenho 53 anos. Nas noites baianas, eu trabalho com performance e, durante o dia, como diarista. É essa vida que a gente tem, de dia e noite. E, agora, durante a noite, a gente não pode fazer mais nada por causa dessa pandemia que está havendo aí. Eu tenho uma história de vida muito legal e eu vou tentar relatar um pouco para vocês.

P: Você pode falar um pouco sobre a sua infância e se tem alguma memória que se destaca?

R: A minha infância foi como a da maioria das pessoas: uma infância simples. E, no decorrer do crescimento, eu fui tentando me entender como pessoa, com essa transição porque até então, a gente não tem ideia do que a gente é na verdade, da nossa imagem. Porque para os pais é uma coisa normal, mas para a gente que com o passar do tempo vai crescendo, vai se entender como imagem. E essa imagem quando vem de forma feminina, a gente vai tentando adaptar a nossa vida com a vida com a vida familiar, com os amigos porque isso é um pouco difícil, também. Até na época da minha infância, do meu crescimento, foi uma época cheia de normas, muita ditadura. Não se podia fazer muita coisa naquela época. Mas a gente foi tentando ajeitar tudo isso e eu estou aqui até hoje, fazendo o que eu faço, o que eu

gosto, sem medo de ser feliz, tendo apoio, em especial da minha mãe. Até o começo de minha transição, ela não entendia muito bem. Mas, hoje, ela já está absorvendo tudo isso com mais clareza, com calma e sem pedir respostas. Porque não precisa de a gente responder. A gente está vivenciando tudo isso e as pessoas estão vendo que não é nada absurdo ser uma pessoa trans, ser uma pessoa LGBT.

P: E a sua juventude, quando você foi crescendo, passando a adolescência, a vida jovem-adulta... Como foi?

R: A minha adolescência foi de descoberta, de ver tudo de forma surpreendente, porque, assim, a gente vai descobrindo tudo isso e ao longo do tempo, vai buscando o que tem de melhor naquilo ali, naquelas descobertas. Às vezes, tem uns caminhos errados, uns caminhos que até então, a gente achava que estava tudo certo. Mas sempre tinha alguma coisa que nos alertava: olha! Não faz assim porque desse jeito não vai dar certo! E, assim fui crescendo, tendo a noção de separar essas duas coisas, tanto o lado bom, quanto o lado ruim da minha juventude.

P: Você tinha referências para a sua vida enquanto mulher, enquanto pessoa trans? Quais eram?

R: Quando eu comecei a trabalhar com teatro, com show... Antes, eu trabalhava com dança. Naquela época, era destaque essas coisas de grupo de dança. Eu fazia parte de um grupo de dança e, ao longo do tempo, eu fui começando a desenvolver a curiosidade por outros caminhos e, através de um amigo meu que me levou para conhecer uma casa de show, uma casa noturna, ou seja, uma boate. E Foi nessa boate que eu me deslumbrei com as pessoas fazendo shows, muito brilho, aquele glamour da época, que hoje a gente não vê muito. Foi aquele brilho que me saltou aos olhos, me encantou demais. Mas eu me esbarrava em uma questão: naquela época, eu tinha só 13 anos, de 13 para 14 anos. Eu ficava com vontade, mas ficava com a possibilidade de não acontecer por causa disso. Mas ai foi que um outro amigo meu falou, “a gente vai dar um jeito nisso”; e me colocou para fazer um primeiro show nessa casa e foi aí que eu despontei e fui me empolgando. Mas tinha

esse medo porque naquela época, havia muito a polícia que entrava nas boates para ver quem estava lá de menor, e eu, como não tinha a idade suficiente para estar ali dentro, quando eles chegavam, me escondiam no meio das roupas de show e eu ficava lá escondidinha. “Fabiane fique quietinha aí que eles estão revistando a casa toda”. E aí, eu ficava lá quietinha e, quando eles iam embora, eu ia lá e fazia meu show. E aí, foi uma casa e depois a outra e fui sendo conhecida. E, até hoje, o povo conhece, Fabiane Galvão, dos palcos. Mas eu sempre deixo a Fabiane que trabalha durante o dia, porque a gente tem que separar o artista da pessoa e daquilo que trabalha durante o dia. O meu ganha pão mesmo é esse, que trabalho durante o dia. Eu sempre soube fazer isso com tranquilidade, com calma. E eu estou vivendo, que é o importante!

P: Você chegou a passar pela ditadura. Como foi esse período para você?

R: Foi de ver muito sofrimento daquelas pessoas que só queriam ser felizes, mas não podiam. Só podiam ser felizes a noite. Durante o dia não se via ninguém na rua, uma travesti, uma pessoa trans. Não se via... A gente só se encontrava a noite, que era quando tinha a calmaria dos guetos, dos lugares que a gente se encontrava, mas também com o medo de ser abordadas por essas pessoas que até então não chegavam com tanta calma, chegavam com bastante violência, agredindo. Teve essa fase muito complicada da época e que, ao longo do tempo, a gente ficava torcendo para que um dia houvesse essa mudança e que a perspectiva de vida de uma pessoa LGBT, trans, travesti ~~não chegava~~ [sugestão de correção: **chegasse**] aos 20. Não conseguíamos ter alguém que chegava aos 20 anos. E hoje em dia, graças a Deus, a gente está quebrando esse rótulo, quebrando essa coisa de que a gente não pode chegar até onde a gente quer, até a idade que a gente quer. Isso é possível, é fato. E todo mundo está tendo visibilidade! Isso é o mais importante, ter visibilidade e não deixar a nossa voz se calar! Tem que falar mesmo o que a gente precisa falar, ir nos espaços que a gente precisa ir, assim como os negros, as pessoas que têm alguma deficiência tem que ter voz! Tem que ter espaço para que todos eles porque estamos aqui! Estamos de passagem, mas se estamos aqui,

temos que estar todos os dias quebrando essas barreiras para que nada nos impeça de falar assim como eu estou falando aqui para vocês.

P: Você chegou a perder pessoas nessa época? Se você quiser falar sobre isso...

R: Sim! Pela violência. Na época, na década de 80, de 90, quando surgiu a questão da AIDS, que até então foi algo que surpreendeu todo mundo. Pegou muita gente de surpresa em um período que não se tinha muita noção do que se tratava realmente essa doença, do que era isso. Então, muitas pessoas foram acometidas por esse vírus e, infelizmente, não tiveram chance porque não tinha recurso de medicação. Não tinha recurso de nada porque até então ainda estava sendo estudada. Muitas pessoas que eu conheci foram afetadas e acabou que perderam a vida. E, assim, como acabei de dizer, a evolução de tudo que aconteceu... Nós tivemos um avanço e hoje em dia, graças a Deus, tem pessoas que têm uma vida tranquila, uma qualidade de vida ótima, não têm problemas com acessibilidade.... Está vivendo tranquila, tomando a sua medicação, que tem que tomar direitinho e estão vivendo aí com todo o carinho e com todo o respeito que a gente tem que ter com essas pessoas também.

P: Se você quiser falar algo sobre ou para as pessoas que se foram, você pode falar...

R: Primeiro é saudades, né? Segundo é que se eu pudesse voltar no tempo, eu voltaria para resgatar todas essas pessoas que se foram, que marcaram uma época, que deixaram a sua assinatura, mesmo pequena, mas deixaram ali. E que a gente lembra com carinho, não com tristeza. Mas lembrar com alegria, com carinho porque essas pessoas eram isso, eram alegres. Eram pessoas que vinham se divertir, brincar, fazer o show. Era uma família grandiosa, muitos irmãos, muitas irmãs que infelizmente foram vitimadas por esse problema, mas que fica a saudade, fica a esperança, mas que fica também a alegria que eles traduziam na sua imagem, no

seu caráter, no seu dia a dia, nos seus momentos de alegria, como sempre foram. Essa é a coisa que fica marcada aqui comigo e que vou levar até o fim da vida.

P: Quais as melhores e as piores coisas de ser quem você é, da sua vida?

R: As melhores? As melhores é que eu aprendi a respeitar o próximo, a ser uma pessoa que escuta muito. Eu procuro escutar o lado daquela pessoa e, às vezes, tento me colocar no lugar daquela outra pessoa que, às vezes, não tem uma situação tão confortável quanto a minha. Eu não tenho uma [situação] tão confortável, mas eu acho que em alguns momentos, tem pessoas que têm situações piores do que a minha, do que como eu vivo, como eu passo. E eu fico pensando de que forma eu posso ajudar dentro do que eu posso fazer e é isso que me motiva a ir pra frente de uma câmera, a dar a minha voz para tentar contribuir, para que alguma coisa melhore na nossa comunidade. Pois é uma comunidade [que] também é perversa. Infelizmente, nós temos esse problema que, você quer fazer alguma coisa, mas sempre tem alguém, até do nosso meio, que nos impede, que coloca pedras para não evoluir, não acontecer. E isso é tão triste. E é isso que me deixa triste. E é isso que me deixa às vezes chateada. Meu Deus, por quê? A gente quer fazer as coisas melhoras, mas tem pessoas que não deixam, mas a gente está fazendo as coisas não acontecerem do jeito que eles querem. Porque se não fosse [isso], a gente já tinha parado tudo. A gente já estaria aí sem poder fazer mais nada. Graças também a vocês que estão dando esse espaço, estão deixando a gente fazer a nossa voz ser ouvida, mesmo com dificuldade ou não, pois é muito difícil para uma pessoa falar alguma coisa íntima, o seu eu. É um eu tão sofrido, tão amargurado que a gente fica assim... Meu Deus, vou falar? Mas a gente tem que falar para as pessoas entenderem e quem está aí do outro lado, se colocar no lugar da gente e ver que não foi fácil essa trajetória de vida.

E aí, é como a gente diz: a perspectiva de vida poderia ser muito maior se não houvessem essas barreiras que a gente enfrentou lá trás e não foram poucas.

P: Como é a sua vida hoje?

R: A minha vida hoje, considero um tanto quanto tranquila. [Ela] Não está boa, mas também não está ruim. Eu vivo até hoje independentemente da minha família. Eu trabalho, eu vivo tentando ajudar, também, a minha família, dentro do que eu posso. E eu tô vivendo aqui, tranquila.

P: Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

R: Eu gostaria de prestar aqui, dentro desse espaço que eu estou tendo e essa oportunidade que desde já, eu agradeço demais a vocês que estão me dando, de mandar meu carinho, meu afeto a essas pessoas que lutam de todos os jeitos, de todas as maneiras para que nossa população seja ouvida, tenha visibilidade que a gente queria ter. **Genilson Coutino** que é um menino maravilhoso que tem um site chamado **Dois Terços**. E quem tiver a oportunidade de entrar no site de ver o trabalho dele e o quanto ele procura botar a gente em cena, dar luz, mostrar essa luz que a gente tanto queria. Ele coloca isso na gente. Nós temos aqui, também, **Keila Simpsom** que é presidente da ANTRA e faz um trabalho maravilhoso com as meninas. Ela tenta buscar soluções, ela tenta ajudar no que ela pode, tenta fazer... é uma mãezona! E fica aqui o meu carinho, o meu respeito e os aplausos que a gente tem que dar são pra essas pessoas: à Genilson, à Keila, à todas as meninas que meninos que estão fortalecendo essa corrente para que tudo isso aí tenha sempre um final feliz. O que vocês querem, o que a gente quer é isso, um final feliz. Em algum momento, ver que não foi em vão toda essa luta que a gente fez. Que essa trajetória toda não foi em vão e, claro, dificuldades virão a frente, mas a gente vai tentar superar isso a cada dia, a cada momento, com um sorriso, com um abraço, não se deixando levar por pessoas negacionistas que acham que a gente não tem direito. E a gente está aí, ocupando todos os espaços e tem que ocupar mesmo esses espaços, porque são pra todo mundo. Por que não pode ser pra gente? Acho que é isso que a gente precisa!

P: Acho que é isso! Não sei se acrescenta alguma coisa?

R: E fica, também, o meu carinho pra Ian! Ian, você é dez, é mil! Um menino maravilhoso que também está dando esta oportunidade com o MUTHA que esse espaço que você está colocando para que as pessoas vejam de uma forma bonita a nossa comunidade, o que a gente faz, o que a gente é, o que a gente procura ser de melhor. Isso é o que dá a importância e o sentido da palavra ser humano que é o que está faltando na humanidade. Eu acho que essa pandemia veio para mostrar isso. Não foi só para tirar vidas, mas para a gente entender que um precisa do outro. Mesmo com toda dificuldade, um está precisando do outro. E eu tive isso. Graças a Deus, durante todo o período em que vivi sem trabalho, sem perspectiva de nada nesse sentido, porque parou tudo, reduziu tudo e eu ficava assim, meu Deus, o que vai me acontecer? Mas algumas pessoas que foram anjos da guarda muito preocupados com o social e que deram todo o suporte nesse período que foi uma tempestade que a gente não quer que volte mais. Agora, com as vacinas, a gente tem que melhorar!

P: Você tem alguma memória de algum momento da sua vida que você queira compartilhar?

R: Alguma coisa que aconteceu na minha vida? Nossa! É o carinho das pessoas comigo, sabe? Eu ver que eu sou deste tamaninho, mas o meu coração é gigante e agrega tanta gente que, às vezes, eu me surpreendo. Eu digo, meu Deus, por que tanto carinho comigo? Tanto amor, tanta preocupação? É muito louco e, ao mesmo tempo, é satisfatório saber que eu estou no meio de pessoas que procuram fazer o bem pra mim. Isso é maravilhoso! Eu só tenho que agradecer, primeiro a Ele, lá em cima, e por ser essa pessoa que eu sou! Não ter egoísmo, não ter inveja, ser essa pessoa que sou! Ser eu mesma, sabe? A minha simplicidade... É isso que me fortalece! Quando você é simples, você se fortalece de muita coisa!

P: Você tem algum recado que queira dar para a população trans e travesti jovem?

R: O recado que eu tenho para dar é que a gente nunca perca a esperança de nada. A gente tem que agradecer a tudo e a todos pelo carinho, pelas portas que estão se abrindo porque eu nunca poderia imaginar que um dia eu pudesse retificar meu nome, pudesse fazer uma hormonização sem culpa. Porque antes era tudo clandestinamente, as escondidas, injetando coisas que não tinham nada a ver com o nosso corpo, nos prejudicando. Naquela época a gente não tinha direito a uma assistência médica, a um acolhimento nesse sentido. Hoje, a gente pode fazer isso com mais tranquilidade, com mais calma. Existe, sim, uma dificuldade aqui e ali, mas para o que era antes? Está 100%, está ótimo! E fica aqui o pedido para que esse ambulatório<sup>1</sup> que foi feito aí, como não suporta, não tem estrutura para fazer o propósito que eles queriam fazer, que se pegue essas Unidades Básicas de Saúde e se pegue essas demandas para essas unidades, para que a gente possa fazer isso com mais calma. Quem mora longe que não tenha que sair lá da sua casa para vir fazer um tratamento hormonal aqui no centro. É super complicado isso. Que o poder público, que as políticas públicas de saúde vejam que a gente precisa não só da questão hormonal, mas da saúde como um todo, porque não é só o hormônio. Tem gente que tem problema de coração, de visão, de cabeça. Então, tudo isso que a gente precisa e a acessibilidade para esses lugares, às vezes, é complicada. Então, fica o recado aqui, que se ajuste, se adapte o campo de saúde para todo mundo. Porque a gente está aqui é para isso, né! Para viver! Ninguém quer morrer, só quer viver!

P: Para as pessoas cis, você tem algum recado para falar, algum recado para dá?

R: Viva todos os dias como se fosse o último e vamos ser felizes porque a vida é pra já! É o que eu faço sempre! E, assim, você que está assistindo aí, é novinha... Eu já tive a idade de vocês e, agora, façam tudo e mais um pouco para chegar na minha, com respeito, com carinho, com cuidado. E quando for fazer, leve sua camisinha, seu preservativo. Não é só a Covid que está aí. Existem outros problemas de saúde que a gente tem que estar se protegendo, estar se cuidando. Faça o autoteste para

---

<sup>1</sup> INSERIR AQUI AS INFORMAÇÕES DO AMBULATÓRIO.



ver como está a sua saúde sexual. Verifique toda a sua situação e vá ser feliz que é o mais importante.